

**CS-** Leio. Por causa do meu pai. Um dia ele perguntou se eu sabia ler, e eu disse que não. Então comecei a sentir vergonha pois ele dizia: “você é analfabeto. Como você faz uma coisa e não sabe ler?” Até que abriu uma vaga de percussionista na Filarmônica de São Paulo. Entrei e tive que estudar muito. Essa experiência me ajudou a ter disciplina, mas a função era limitada, pois só se podia tocar aquilo que era passado por escrito. Porém foi muito satisfatório, principalmente porque gosto muito de música clássica. Aprendi que o músico tem que ter muita disciplina no que ouve enquanto toca para não atrapalhar os outros músicos. Só assim você vai ter liberdade para criar, tendo consciência. Sou daqueles que não gostam de músicos que ficam demonstrando técnicas no palco, não consigo apreciar e achar música nisso.

**Mesmo sendo um auto-didata, você já tinha essa consciência da disciplina, do estudo?**

**CS** - Desde o começo, mesmo quando eu treinava os métodos nas borrachas. Sempre estudei sozinho. Quer dizer,

estudei na Argentina por um mês com um professor que me passava os rudimentos, mas depois já não ia mais. Queria tocar, não estudar. Mas, no começo, estudei muito, e foi por isso que quando fui na boate do Dick, eu pude impressionar. Mas hoje, fico dez, quinze dias sem tocar. E quando tenho um show, ao invés de mostrar a técnica estudada, tento adaptar a falta de técnica ao que estou tocando (*risos*).

**Como você cria os seus solos?**

**CS** - Olha, eu odeio solos. Não gosto pela minha falta de técnica, porque o solo só existe em função da técnica. Quando tenho que fazer um solo, tento levar mais para o lado da melodia. No jazz, quando chega a hora de cada instrumento solar, o sax faz todas aquelas escalas, o baixista faz todas aquelas escalas, e, na minha vez eu apenas faço uma virada melódica e isso é que acaba chamando a atenção, a simplicidade.

**O que você acha dos novos bateristas americanos de jazz, como o Bill Stewart e o Brian Blade? São criadores, inovadores?**

**CS** - Acho que a criação mesmo não está muito boa hoje em dia, acho que parou com o Elvin e outros de seu tempo. Agora, tem apenas bateristas que continuam e desenvolvem a criação que veio de outros. Pelo menos não tenho visto aqueles caras que façam você levar um susto pela criação, mas apenas alguns que causam aquele susto técnico e de precisão.

**Como estão os seus trabalhos atuais?**

**CS** - Estava morando em Los Angeles quando em 94 houve um grande terremoto, que destruiu minha casa. É horrível acordar no meio da noite com tudo escuro e as coisas caindo sobre você. Minha mulher não quis mais morar lá e fomos morar no Arizona, que é muito bom, mas muito pobre musicalmente. Então fomos para a Flórida, mas era muito calor, umidade, turistas. Até que nos mudamos para Denver, onde eu tenho um contrato para tocar jazz e samba, e também, artisticamente, há muita coisa acontecendo.

Hoje, continuo viajando e sendo um baterista que, quando o artista vai a